



Titulo  
Arqueologia e História

Volume  
55

Edição  
Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa  
Tel: 21 346 04 73 · Fax: 21 324 42 52  
e-mail: associacao.arqueologos@clix.pt

Direcção  
José Morais Arnaud

Coordenação  
Paulo Almeida Fernandes

Projecto gráfico  
*oficina de design* Nuno Vale Cardoso Et Nina Barreiros

Impressão  
Publidisa

Tiragem  
350 exemplares

© Associação dos Arqueólogos Portugueses  
ISSN  
972/9451-39-7

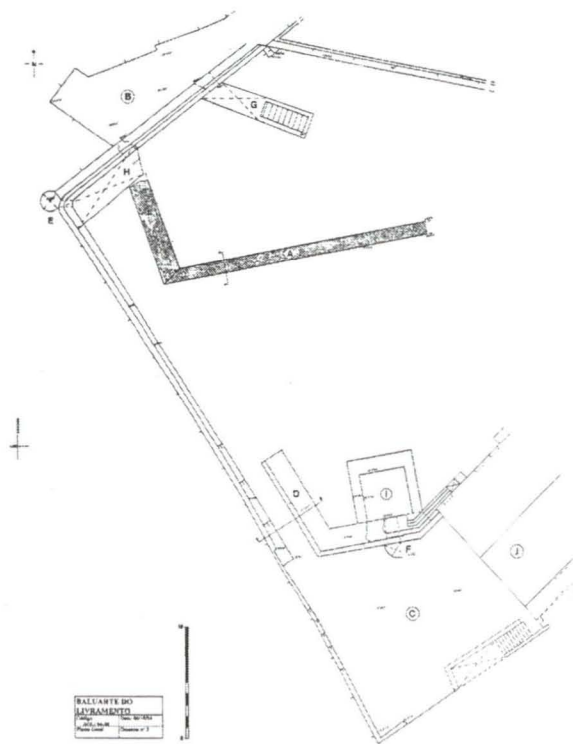
Solicita-se permuta  
Exchange wanted

Ao artigos publicados nesta revista são da exclusiva  
responsabilidade dos respectivos autores

# Elementos para o estudo da igreja de Nossa Senhora do Livramento, em Alcântara, Lisboa\*

Laura Trindade  
A. M. Dias Diogo

*A Virgem do Livramento  
em noua hermida, Et pequena  
obra de certo deuoto  
muy curiosa, Et bem feyta.*  
Anónimo, Séc. XVII<sup>1</sup>



2. Planta do baluarte do Livramento. A – Muralha Filipina. B – Terraplano Norte. C – Terraplano Sul. D – Muralha Interna da Rampa. E – Guarita de Cunhal. F – Guarita do Paiol. G – Acesso ao Terraplano Norte. H – Acesso à Guarita de Cunhal. I – Paiol. J – Vila Operária.

## Introdução

Em 10 de Maio de 1994, quando foi determinada a nossa entrada na obra de recuperação e reabilitação do Baluarte do Livramento – 1ª Fase, pelo então Vereador da Cultura da C. M. de Lisboa, já os trabalhos de escavação se tinham iniciado sem qualquer acompanhamento arqueológico. O próprio projecto arquitectónico tinha sido elaborado e aprovado sem o levantamento documental do baluarte e da sua envolvente, nem com a preocupação de aí efectuar trabalhos arqueológicos preventivos, que permitissem conhecer o monumento e condicionar o projecto das novas construções, procurando de facto, estudar, salvaguardar e reabilitar, aquele que, com o de Santa Apolónia, embora com múltiplas alterações posteriores, é um dos dois únicos baluartes sobreviventes da linha defensiva de Lisboa, inicialmente projectada no âmbito das guerras da "Restauração da Independência" (1640-1668).

A nossa intervenção foi provocada pelo aparecimento de uma muralha no decurso dos trabalhos de desaterro para as novas edificações, que os Serviços Municipais pensaram poder pertencer ao convento do Livramento. Na realidade, tratava-se da muralha interna da rampa para o terraplano superior (Fig. 2 D), que teve de ser desmontada dado a sua conservação ser incompatível com o projecto de recuperação do baluarte em execução. De qualquer modo e face à sua pertinência para o estudo do baluarte, procurámos documentar-nos sobre a igreja e o convento do Livramento, que são o objecto principal desta publicação.

Como nota e para melhor compreensão das questões que envolveram esta intervenção, é de referir que, embora esta obra fosse co-financiada pela Comunidade Europeia, o que, em princípio, implicaria a consignação de verbas para os levantamentos arqueológico-patrimoniais, assim como para a sua publicação, a realidade é que todos os gastos decorrentes da nossa intervenção tiveram de ser integralmente suportados pelos Autores deste estudo. Esquecidas foram também as promessas do Senhor Vereador do Pelouro da Cultura da C. M. de Lisboa, de financiar e promover a publicação desta e outras intervenções que efectuámos no âmbito dos nos-

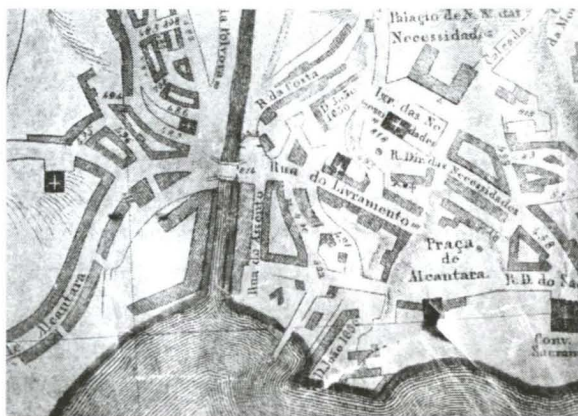
os trabalhos no Gabinete Técnico do Teatro Romano de Lisboa, o que nos tem impedido de publicar monografias, obrigando-nos a seccionar os estudos, de modo a que a sua extensão seja compatível com a publicação em revistas ou actas de colóquios.

(D. D.)

## A Igreja do Livramento

A localização da igreja e do convento de Nossa Senhora do Livramento é-nos referida na *Consulta da Câmara a el-Rei em 20 de Setembro de 1768*, sobre o afloramento de chãos adjacentes às fortificações de Alcântara: "na rua direita que vem da ponte para o convento do Livramento" (OLIVEIRA, XVII, p. 234), localização que nos é precisada através de vária iconografia datada dos séculos XVII ao XIX. A actual rua do Prior do Crato denomina-se de "Rua do Livramento" na *Planta da Cidade de Lisboa de 1853* (Fig. 5) e de "Rua direita do Livramento" na *Carta Topográfica da Cidade de Lisboa de 1865/58* (TRINDADE e DIOGO, 2001, Fig. 4), ligando a ponte de Alcântara com a praça do mesmo nome.

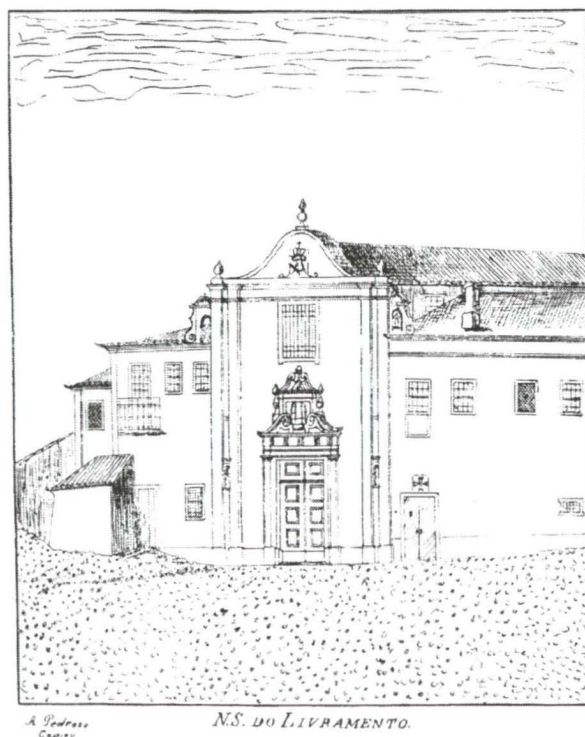
Documentando-se na *Historia Cronologica* de Frei Jerónimo de S. José e no *Santuário Mariano* de Frei Agostinho de Santa Maria, João Paulo Freire refere-se desenvolvidamente à igreja e convento do Livramento (FREIRE, 1929, p. 48-62), indicando a localização da igreja no edifício da Agência de Alcântara da Caixa Geral de Depósitos, actual nº 70 / A da rua do Prior do Crato, onde descobriu a inscrição tumular do fundador da igreja.



5. Particular da *Planta da Cidade de Lisboa e de Belém*, publicada em 1853, com a localização da igreja do Livramento.

Segundo os textos consultados, tendo sido terminada em 1610, a construção da igreja de Nossa Senhora do Livramento seria devida ao cumprimento de um voto da primeira mulher de Rodrigo Homem de Azevedo, Jerónima Jorge, para que o seu marido fosse libertado do cárcere do castelo, onde se encontraria preso por ser partidário de D. António Prior do Crato<sup>2</sup>. O voto apenas foi cumprido após a morte de Jerónima Jorge, sendo a igreja inicialmente de traça circular e tendo-se desmoronado pouco tempo após a sua construção. É a esta primitiva igreja que se refere a data de 1606 do epítáfio do seu fundador. A igreja de 1610, embora ainda pequena, era já de traça rectangular e ladeada por casas de residência.

Após a morte de Rodrigo Homem de Azevedo a igreja passou para o seu neto, Luís de Sousa Ferraz, legando-a a sua tia D. Maria de Alcáçova que, por sua vez, a doaria à Ordem da Santíssima Trindade em 3 de Abril de 1677. Em 1686, após a morte da benfeitora, também as casas de habitação e a quinta anexas passaram integralmente para a posse da mesma Ordem.



4. Desenho da fachada da igreja e convento do Livramento por volta de 1840, segundo Luís Gonzaga Pereira.

Em 1698 a igreja e o convento seriam reconstruídos por Frei Jerónimo de Jesus, ficando a igreja com uma só nave abobadada, com altar-mor e dois altares laterais, sendo o do lado da Epístola do Santíssimo e o do Evangelho dedicado a Santa Gertrudes.

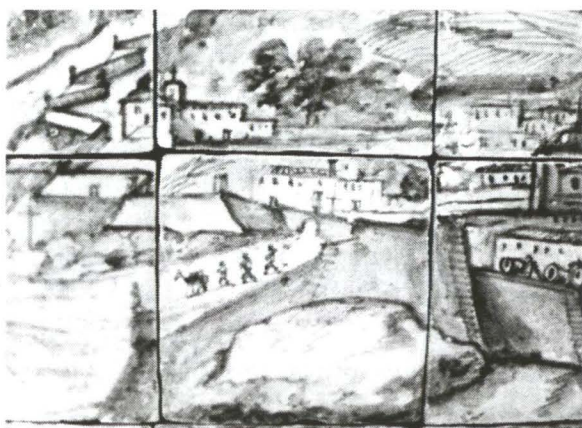
Na escrita pitoresca de João Paulo Freire, o convento: "apenas para 16 religiosos, era pequeno, mas desafogado para os seus moradores, com três dormitórios e várias acomodações, todas confortáveis. A cerca, toda murada, com alto mirante de agradabilíssima vista de mar e terra, tinha horta, ruas de fresquíssimas sombras, vinha que lhes abastecia avondo a adega parcimoniosa, e um tanque de água nativa, com diversidade de peixes que serviam de agradável entretenimento aos frades" (FREIRE, 1929, p. 57).

Publicado pela C. M. de Lisboa, em dois volumes (1950 e 1972), um manuscrito de Autor anónimo e não datado mas que, segundo Júlio de Castilho e Durval Pires de Lima (LIMA, 1950, p. IX-XII), foi escrito, muito provavelmente, por um padre da Companhia de Jesus, entre 1704 e 1708: a *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa...*, historia e descreve detalhadamente a igreja do Livramento. Aqui é-nos fornecida uma informação importante para a história do baluarte do Livramento no parágrafo que encerra o Capítulo XXVIII, dedicado ao Convento do Livramento: "Estam tam satisfeytos e contentes de a servir, que que-

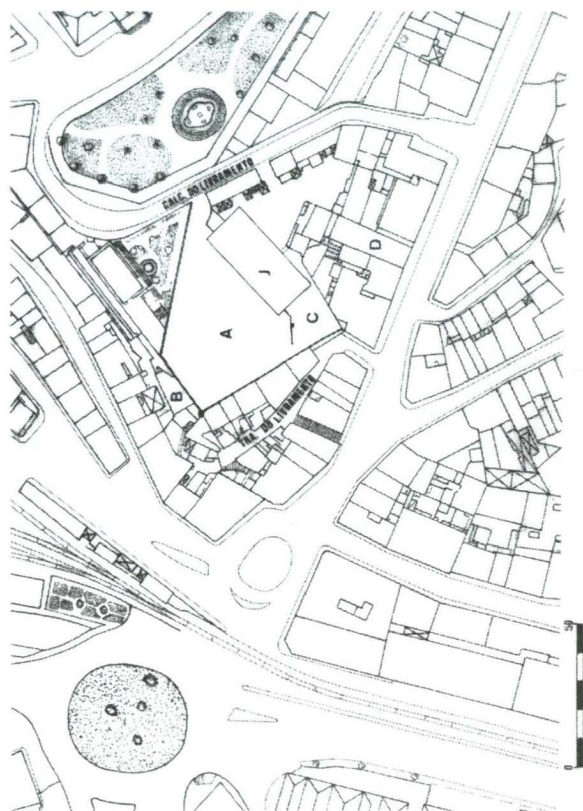
rendose continuar à sinco ou seys annos a fortificaçam da cidade, e rezultando lhe disso [en]commodo ao seo pequeno convento, se quizeram sogeytar a todos os inconvenientes que se lhe seguiam, do que deyxar de continuar no ditto lugar o serviço da Senhora do Livramento" (LIMA, 1972, p. 176).

Sabemos que, em 1701, D. Pedro II, mandou fortificar a cidade de Lisboa (FARIA, 1948, p. 47-51), como medida preventiva no decurso da intervenção portuguesa da "Guerra da Sucessão de Espanha". A informação que acima transcrevemos, referente a obras de fortificação junto ao convento, para além de nos corroborar a cronologia do manuscrito que Júlio de Castilho propõe, permite-nos também perceber as razões da discrepância entre as representações do baluarte do Livramento no painel de azulejos *A Grande Vista de Lisboa* (Fig. 3), cujo desenho terá assim de ser anterior a 1701, e da *Planta Topografica da Marinha...*, de 1727 (TRINDADE e DIOGO, 2001, Fig. 2). No primeiro caso o convento do Livramento encontra-se no interior do recinto amuralhado e, embora já exista a guarita do cunhal, não estão aqui representados canhões, indicativos da existência de um baluarte, como acontece por exemplo, com o da Alfarrobeira, também visível na fotografia. De facto, embora já se encontrassem construídos os panos de muralhas exteriores, o baluarte do Livramento apenas parece ter sido realmente estruturado em 1701, o que também justifica o acréscimo no seu coroamento e a ausência de cordão nas muralhas (TRINDADE e DIOGO, 2001, Fig. 12). Na planta topográfica de 1727 já o convento do Livramento se encontra fora das muralhas, parcialmente envolvido por elas e o baluarte com o desenho bem definido.

Também Luís Gonzaga Pereira escreveu sobre a igreja de N.ª S.ª do Livramento (PEREIRA, 1927, p. 205-208), apresentando-nos ainda uma gravura de sua autoria da fachada da igreja (que teria 8,30 m de largura, a corresponder à do actual edifício da agência da Caixa Geral de Depósitos) e do convento anexo, tal como se encontravam por volta de 1833 (Fig. 4), após as obras da reconstrução provocadas pelo terramoto de 1755<sup>3</sup>. Esta frontaria simétrica, com a porta de cimalha composta, dois pares de pilastras e um frontão campanu-



3. Particular do painel de azulejos *A Grande Vista de Lisboa*, no Museu Nacional do Azulejo. Em primeiro plano é visível o baluarte da Alfarrobeira, seguindo-se-lhe a "rua direita do Livramento" com a porta da muralha. A igreja e convento do Livramento bordejam esta rua a Norte.



1. Localização do baluarte do Livramento, segundo a *Planta da Cidade da C. M. de Lisboa*. Escala 1:1.000. Folha 7 E. A – Terraplano Superior. B – Terraplano Norte. C – Terraplano Sul. D – Edifício da Caixa Geral de Depósitos. J – Vila Operária.

lado encimados com o que aparentam ser fogaréis, encontra-se longe da descrita pelo Autor da *História dos Mosteiros...* no primeiro decénio do século XVIII: "A frontaria da igreja do convento de Nossa Senhora do Livramento nam he de muyta fabrica, e assim só tem suas quartelas e simalha, sobre a porta da igreja, e algumas janelas que dam claridade ao coro, acabando o frontispício em angulo, em que tem por remate huma cruz de pedra" (LIMA, 1972, p. 174).

Luis Gonzaga Pereira informa-nos que, após o decreto de 8 de Maio de 1834, com a extinção das Ordens religiosas, o convento do Livramento fora ocupado por uma Companhia da Guarda Municipal de Lisboa, continuando, no entanto, a exercer-se o culto na igreja (PEREIRA, 1927, p. 207). Confirmando a informação deste Autor, um officio da 3.ª Repartição (Serviço de Obras Públicas) da C. M. de Lisboa, datado de 26 de Abril de 1910, sobre o concerto de uma calha de águas pluviais, localiza o quartel

da 6.ª Companhia da Guarda Municipal na Calçada do Livramento, em frente do nº 14.

No que diz respeito à igreja, ela foi desafecta ao culto com a Revolução Republicana de 1910. Em sessão da Câmara Municipal de Lisboa, de 17 de Agosto de 1911, é colocada a hipótese de se adaptar a igreja do Livramento para um balneário público. Um officio da 3.ª Repartição da C. M. de Lisboa datado de 23 do mesmo mês informa que, após o exame do edificio: "toda a adaptação ali a fazer-se para esse fim, seria dispendiosíssima e nunca bem apropriada a balneário nas condições modernamente exigidas para estabelecimentos d'aquella natureza". Conclui o Chefe interino da 3.ª Repartição: "Em troca da referida egreja, seria mais económico para a Câmara Municipal e mesmo mais vantajoso para o bairro d'Alcatara, a construção de um pequeno e modesto balneário em logar mais central do bairro em um terreno municipal, como por exemplo, no que existe na rua Escola Azylo e no topo da rua dos Luziadas, cruzamentos dos mais frequentados, por serem de passagem quasi obrigatoria de todo o elemento trabalhador d'aquelle industrial e populoso bairro". Seguindo o parecer dos Serviços, o despacho do Presidente da Câmara, Anselmo Braancamp Freire, datado de 24 de Agosto, é negativo para a adaptação da igreja do Livramento a balneário<sup>5</sup>.

Por fim, João Paulo Freire conheceu o edificio da igreja utilizado como carvoaria e posteriormente, após obras de adaptação, que alteraram completamente a sua fachada e o interior, com a função que hoje mantém, de Agência da Caixa Geral de Depósitos (FREIRE, 1929, p. 62). O projecto desta Agência, datado de 1921, foi um dos primeiros trabalhos do Architecto Porfírio Pardal Monteiro (CALDAS, 1997, p. 29).

### A lápide tumular do fundador da igreja

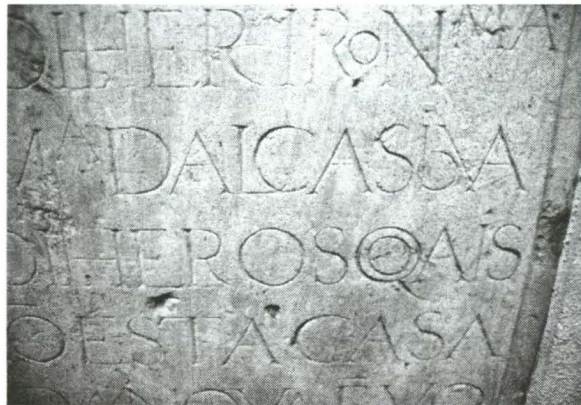
Sendo natural que estivesse originalmente colocada sobre o túmulo do fundador da igreja, muito provavelmente uma cripta<sup>6</sup>, a inscrição deve ter sido deslocada aquando das obras da adaptação do edificio para agência da Caixa Geral de Depósitos, encontrando-se presentemente no saguão, cimentada e emoldurada ver-



6. Fotografia da inscrição tumular de Rodrigo Homem de Azevedo.

talmente no muro de suporte da sua escadaria exterior (Fig. 6), nas mesmas condições onde João Paulo Freire a encontrou (FREIRE, 1929, p. 60).

Trata-se de uma placa em lioz de tonalidades bege-esbranquiçadas<sup>7</sup>, com a largura actualmente visível de 105 cm e o comprimento de 126 cm. O campo epigráfico encontra-se delimitado no topo e nos lados por uma moldura em esquadria de sulco simples, sendo muito provável que também a base da placa estivesse moldurada, o que é característico deste tipo de monumentos. A base encontra-se presentemente encoberta, devendo ter sido mesmo partida durante a sua remoção, o que terá encurtado e apenas salvaguardado a área epigráfica. Esta operação provocou danos nas cinco letras finais da inscrição, tendo as três últimas sido totalmente reconstituídas num remendo de cimento. A título comparativo, uma placa funerária deste tipo, dos finais do séc. XVII, na igreja da Luz, em Carnide, Lisboa, tem 116 cm de largura por 230 cm de comprimento, encontrando-se também a epigrafe apenas gravada no topo



7. Pormenor das letras e nexos da inscrição tumular.

da placa, numa extensão de 118 cm a partir do campo definido pela moldura do topo (DIOGO, 1997).

A inscrição encontra-se distribuída por onze linhas procurando o alinhamento justificado. As letras são elegantes imitando as capitais quadradas, com os "A" muito abertos e traçados, os "S" com a curvatura superior mais pequena, os "E" com o traço meeiro mais curto, os "R" fechados e encurvados e os "I" com ponto triangular. A altura do primeiro "S" da linha 1 é de 9,2 cm, do primeiro "O" da mesma linha é de 5,7 cm e do primeiro "E" da última linha é de 5,8 cm. A distância dos espaços interlineares entre a primeira e a segunda linha é de 3,5 cm, entre a 5ª e a 6ª é de 3,2 cm e entre a 10ª e a 11ª primeira de 3,1 cm.

O lapicida utilizou frequentemente nexos com letras sobrepostas e inclusas (aqui transcritos com um sublinhado pontilhado), assim como traços superiores de abreviatura (transcritos como inferiores) e expoentes (que mantivemos na transcrição). Transcrevemos ainda as letras incompletas com um traço a cortá-las e os parênteses rectos para reconstituir as letras desaparecidas. Os parênteses curvos foram utilizados para o desdobraimento das abreviaturas.

### Leitura

S<sup>^</sup>DER<sup>o</sup>HOMEDAEZEVEDO/ CIDADAQDESTACIDADE/  
 EDESVAP<sup>RA</sup>MOLHERI<sup>E</sup>RON<sup>MA</sup>/ IORGEEDEM<sup>A</sup>DALCASIOVA/  
 SVASEG<sup>DA</sup>MOLHEROSQOAIS/ EDIFICARAQESTACASA/  
 ASVACVSTADANOVAEVO/ CAÇAODOLIVRAM<sup>TO</sup>AP<sup>RA</sup>/  
 NESTEREINONOANODE606/ P<sup>A</sup>SIF<sup>OS</sup>EERDR<sup>OS</sup>PEDENHY/  
 PATERNOSTEPSVAE[MAS]

### Transcrição

S(epultur)a de R(odrigo) Homem de Azevedo/ cidadão desta cidade/ e de sua p(imeira) mulher Jeron(i)ma/ Jorge e de M(ari)a d(e) Alcasiova (sic)/ sua seg(un)da mulher os qoais edificarão esta casa/ a sua custa na nova envo/cação do Livram(en)to a p(imeira)/ neste Reino no ano de 606/ para si filhos e erdeiros peden hum Pater Noste(r) p(or) su(as) al[mas].

### Comentário

Para além de ser uma interessante e pouco conhecida epígrafe funerária seiscentista de Lisboa, com um formulário muito simples, normal para a sua época e para o estatuto do morto, a sua maior importância radica nos factos de nos confirmar o nome do fundador da igreja e indiciar a sua localização exacta e o ano da sua construção primitiva.

De referir é o facto de Rodrigo Homem de Azevedo se intitular "Cidadão de Lisboa", a maior regalia a que podiam aspirar os burgueses lisboetas e que lhes concedia algumas isenções e privilégios. Tratava-se de um título atribuído pela Câmara, após ser submetido à aprovação do soberano, aos naturais do concelho que, de algum modo, se tivessem distinguido, ou detivessem grossas fazendas. O agraciado tinha de prestar juramento em acto de vereação, cujo termo assinava.

Por fim, é curioso o destaque dado ao facto de esta igreja ser a primeira do Reino dedicada a Nossa Senhora do Livramento, uma evocação que teria grande difusão, nomeadamente nos Açores a partir de meados do século



8. Vista geral, tirada de Este, das muralhas do baluarte filipino durante a intervenção.

XVII e no Brasil, a partir de meados do XVIII, nos Estados de Minas Gerais, Maranhão e Mato Grosso. Este destaque poderá significar que a presente inscrição tenha sido lavrada em época posterior à da primeira fundação da igreja.

### O reduto filipino

Durante a escavação mecânica do terraplano superior do baluarte encontrámos vestígios pertencentes a uma fortificação mais antiga, que era desconhecida.

Tinha o seu topo à cota máxima de 18,51 m e encontrava-se já parcialmente demolido, apenas conservando parte das muralhas Oeste e Sul que formavam no cunhal, a Sudoeste, um ângulo de 97°. Construídas em alvenaria de pequenas e médias pedras argamassadas, estas muralhas encontravam-se revestidas com um reboco caiado de areia e cal. Tinham o coroamento biselado e eram escarpadas no ângulo flanqueado. O troço Sul, de direcção SW/NE, conservava o comprimento de cerca de 24,70 m e tinha a largura de 1,16 m no ângulo do biselado do parapeito. A muralha Oeste, de direcção NNW/SSE e mais exposta aos ataques, tinha maior espessura, com 1,80 m e conservava a extensão interna de 8,60 m (Figs. 2 A e 8). Embora este baluarte já não conservasse o pavimento do seu terraplano, este encontrava-se marcado no reboco da face interna das muralhas, permitindo-nos determinar a altura do parapeito em cerca de 1,30 m. A altura da muralha Sul atingia os 3,40 m no troço Este, o único que nos foi possível desa-



9. Troço da muralha Sul do baluarte filipino integrado no museu.

errar completamente e integrar no edifício do museu de sítio (Fig. 9).

No decurso da batalha de Alcântara, em 25 de Agosto de 1580, a inexistência de quaisquer fortificações junto à ponte, obrigou os partidários de D. António Prior do Crato a improvisar trincheiras e parapeitos e a transformar em reduto uma casa vizinha (SELVAGEM, 1931, p. 345). Como seria natural, também durante o período filipino e sobretudo depois do ataque dos Ingleses a Lisboa em 1598, se pôs a questão da fortificação deste local tão sensível e estratégico para a defesa da cidade. Em 1625, uma nova ameaça da armada inglesa leva o Marquês de Inojosa a determinar a construção de novas trincheiras e redutos até Alcântara (OLIVEIRA, III, p. 193).

O projecto de fortificações do Marquês de Inojosa leva, por múltiplas vezes, a Câmara de Lisboa a alegar ao rei a sua falta de verbas para efectuar essas obras (OLIVEIRA, III, p. 184-193) que, passado o perigo, não foram terminadas e mantidas, como o comprova o Decreto da Duquesa de Mântua de 16 de Abril de 1636: "E da mesma maneira se reconhecerão as trincheiras, que no anno de 1625 se havião feito com occazião da armada ingreza, e se reformarão e continuarão até onde estava assentado que se fizessem" OLIVEIRA, IV, p. 184-185).

No *Livro das Grandezas de Lisboa*, primeiro publicado em 1620, Frei Nicolau de Oliveira ainda não refere a existência de qualquer baluarte em Alcântara, descrevendo este sítio como "fresca Ribeira de Alcântara, povoada de algumas quinas e hortas com muitas fontes; das quais saem abundantes águas, em que se lava a maior parte da roupa da cidade" (Frei N. de OLIVEIRA, 1991, p. 540-541 e 600). Também o poema anónimo *Relaçam, em que se trata...*, publicado em 1625, nada nos diz sobre um baluarte junto à ponte de Alcântara (SILVA, 1934, ver nossa nota 1).

Sendo datada do período filipino e construída após 1625, a fortificação, que aqui publicamos, cujos vestígios encontrámos soterrados no terraplano superior do baluarte do Livramento terá de corresponder a um reduto do plano do Marquês de Inojosa, dominando a ponte de Alcântara.

## Notas

<sup>1</sup> Comunicação apresentada à Comissão de Estudos Olisiponenses, aqui inserida na Secção de História, por razões de paginação.

<sup>2</sup> SILVA, 1934. Trata-se de um trecho de um poema anónimo originalmente publicado em Lisboa, no ano de 1625 e cujo título completo é: *Relaçam, em que se trata, e faz hua breue descrição dos arredores mais chegados à Cidade de Lisboa, Et seus arrebaldes, das partes notaveis, Igrejas, Hermidas, Et Conuentos que tem, começando logo da barra, vindo corredo por toda a praya até Enxobregas, Et dahi pella parte de cima até Saõ Bento o nauo.*

Naquilo que aqui nos interessa, a particular importância deste texto encontra-se no facto de não nos referir qualquer baluarte junto à ponte de Alcântara, citando, no entanto, todos os outros que sabemos já estarem construídos em 1625.

<sup>3</sup> O nome de Rodrigo Homem de Azevedo não se encontra entre os citados por Durval Pires de Lima como estando encarcerados em Lisboa por motivos políticos, em 12 de Setembro de 1580 (LIMA, 1947, p. 195, n. 5). Ao contrário do que João Paulo Freire afirma, apresentando o fundador da igreja como "um dos mais acérrimos partidários de D. António, Prior do Crato, e como tal tomou parte em todos os actos de hostilidade a Espanha" (FREIRE, 1929, p. 52-53), o Autor da *História dos Mosteiros...* refere-se ao fundador da igreja como estando inocente do crime de inconfidência contra Filipe II (LIMA, 1972, p. 170). Este seria mandado libertar pelo Cardeal Alberto, imediatamente após a sua primeira mulher ter sonhado nove noites seguidas com a Virgem Maria, que lhe anunciava o livramento do marido. É possível que estes nove dias correspondam efectivamente ao breve período em que Rodrigo Homem de Azevedo se encontrou preso, o que confirma a sua inocência.

<sup>4</sup> A igreja e o convento sofreram danos com o terramoto de 1755, de tal modo que o culto teve aqui de ser exercido numa capela em madeira até Junho de 1777 (FREIRE, 1929, p. 58).

<sup>5</sup> Arquivo Municipal do Arco do Cego. Documentação SGO. Caixa 31 (n.º 107). Offício n.º 226, Proc.º 185/C.

<sup>6</sup> Arquivo Municipal do Arco do Cego. Documentação SGO. Caixa 32/1. (n.º 391). Offício n.º 994, Proc.º 831/H.

<sup>7</sup> Sem dúvida baseado na bibliografia que cita, João Paulo Freire coloca a jazida do fundador no altar-mor da igreja (FREIRE, 1929, p. 60).

<sup>8</sup> Agradecemos aos Senhores: Director Coordenador da Direcção de Património, Obras e Segurança da Caixa Geral de Depósitos, Dr. Adelinho Barreira e ao Gerente da Agência de Alcântara a autorização e facilidades que nos concederam para o estudo da inscrição.

## Bibliografia

- BESSA, Carlos, "Batalha de Alcântara". *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, Carlos Quintas Et Associados – Consultores, Lda., 1994, pp.29-32.
- CABRAL, António Machado de Faria de Pina, "Memórias Históricas de Lisboa – 1680 a 1716", *Lisboa e Seu Termo. Estudos e Documentos*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses. Vol. II, 1948, pp.9-98
- CALDAS, João Vieira, *Porfírio Pardal Monteiro – Arquitecto*, Lisboa, Associação dos Arquitectos Portugueses, 1997
- DIOGO, A. M. Dias, "Estudo do epitáfio de D. António de Azevedo e Brito, na igreja de N.ª Sr.ª da Luz, em Carnide, Lisboa", *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*, nº3, Lisboa, 1997, pp.81-87.
- DIOGO, A. M. Dias e TRINDADE, Laura, "Intervenção no Baluarte do Livramento, em Lisboa", *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*, Lisboa (no prelo)
- Frei NICOLAU DE OLIVEIRA, *Livro das Grandezas de Lisboa*, Lisboa, Veja, 1991
- FREIRE, João Paulo, *Alcântara. Apontamentos para uma Monografia*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1929
- LIMA, D. Pires de, "O ataque dos Ingleses a Lisboa em 1589 contado por uma testemunha", *Lisboa e Seu Termo. Estudos e Documentos*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, vol. I, 1947, pp.91-320.
- LIMA, D. Pires de (ed.), *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*, I e II, Lisboa, Imprensa Municipal de Lisboa, 1950 e 1972
- JORGE, Maria Júlia, "Sítio de Alcântara", *Dicionário de História de Lisboa*, Lisboa, Carlos Quintas Et Associados – Consultores, Lda., 1994, pp.37-39.
- OLIVEIRA, Eduardo Freire de, *Elementos para a História do Município de Lisboa*, Lisboa, Tipografia Universal, 17 vols., 1882/1911
- PEREIRA, Luiz Gonzaga, *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833* (Manuscrito n.º 215 da Secção dos Reservados da Biblioteca Nacional. Prefaciado por A. Vieira da Silva), Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1927
- SELVAGEM, Carlos, *Portugal Militar*, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1931
- SILVA, A. Vieira da (ed.), *Relaçam, em que se trata, e faz hua breve descrição dos arredores mais chegados à Cidade de Lisboa...* Publicações dos Anais das Bibliotecas, Arquivo e Museus Municipais de Lisboa, Lisboa, 1934
- SILVA, A. Vieira da, "Os fortes de Santa Apolónia e da cruz da Pedra", *Dispersos*, vol. I, C. M. de Lisboa, 1954, pp.159-170.
- SILVA, A. Vieira da, "O Mosteiro da Esperança", *Dispersos*, vol. I. C. M. de Lisboa, 1954, pp.413-455.
- SILVA, A. Vieira da, "A Ponte de Alcântara e as suas circunvizinhanças. Notícia histórica", *Dispersos*, vol. III, Lisboa, C. M. de Lisboa, 1960, pp.39-75.
- TRINDADE, Laura e DIOGO, A. M. Dias, "Elementos para o estudo do Baluarte do Livramento, em Lisboa". *Arqueologia e História*, vol.53, Lisboa, AAP, 2001, pp.125-133



Associação  
dos Arqueólogos  
Portugueses